

Jazz

28 Novembro '08

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

# 4 Corners

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Clarinete, clarinete baixo, saxofone barítono Ken Vandermark

Trompete Magnus Broo Contrabaixo Adam Lane Bateria Paal Nilssen-Love

Sex 28 de Novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h00 · M12

## A música de Nenhores

Poucas vezes um crítico tem o privilégio de assistir ao nascimento e aos desenvolvimentos de um projecto musical e até de fazer parte das movimentações que o envolvem. É esse, no entanto, o caso da minha relação com os 4 Corners. O grupo partiu de uma ideia de Pedro Costa, o patrão da editora Clean Feed: crendo nas potencialidades de uma colaboração entre Ken Vandermark e Adam Lane, ambos virtuosos nos seus respectivos instrumentos e ambos com especiais talentos ao nível da composição e dos arranjos, convidou-os a formarem um quarteto e a fazerem uma série de concertos que pudesse resultar num disco. A incumbência foi aceite e depressa os outros nomes foram encontrados, Magnus Broo e Paal Nilssen-Love. A primeira apresentação foi marcada para a edição de 2006 do festival Jazz ao Centro, em Coimbra, consistindo em três sessões *after-hours* no mais tradicional dos ambientes do jazz, um bar, o Salão Brazil. Foi aí que os vi e ouvi a ensaiar durante as tardes, e a tocar perante salas cheias de madrugada. Minuto a minuto, assisti à forma como o projecto se foi erguendo, primeiro com os intervenientes muito colados às partituras, e depois gradualmente se libertando destas em improvisações temáticas cada vez mais seguras e audazes.

Perceber como estas notáveis figuras do jazz de hoje trabalham foi para mim esclarecedor quanto aos processos e às metodologias utilizados. Os concertos foram-se sucedendo num crescendo de interesse e até de brilhantismo, mas a

grande surpresa estava reservada para a terceira e última noite da estreia pública dos 4 Corners: Vandermark, Lane, Broo e Nilssen-Love pareceram transfigurar-se e tocaram como se o mundo fosse desabar na manhã seguinte. Uma estranha energia passou para o público e este saltava das cadeiras com eléctrica alegria para ovacionar cada tema e cada solo. As palmas não bastavam; ouviam-se gritos e assobios. Nos muitos anos que já conto como espectador de música ao vivo, raras vezes me deparei com tão efusivas reacções por parte da assistência. Influenciado pelo muito especial serão, entrevistei Ken Vandermark e Adam Lane e dei-lhes a capa do nº 11 da revista *jazz.pt*, saído por alturas da edição em 2007 do CD gravado nessa noite em que se acordaram os espíritos. E porque os músicos e o editor se aperceberam do meu entusiasmo relativamente aos resultados obtidos, coube-me a mim escrever as *liner notes* desse primeiro disco, intitulado com o nome da formação, *4 Corners*. Quando esta regressou a Portugal para mais concertos em 2007, lá os reencontrei no Centro Cultural de Belém, onde foi registado o vídeo que agora saiu em DVD, *Alive in Lisbon*. Em finais de 2008, aí estão mais uma vez os 4 Corners em Lisboa, e eis-me novamente a escrever sobre o quarteto, desta feita para o programa de sala do seu concerto na Culturgest. Decididamente, fiquei impressionado.

Estas notas pessoais servem para contextualizar o facto de eu achar que estes 4 Corners constituem um exemplo entre os melhores do alto grau de empatia que pode ser alcançado por músicos que, antes, não se conheciam. Se entre Ken Vandermark, Paal Nilssen-Love e Magnus

Broo havia já ligações anteriores, algumas traduzidas em disco, a colaboração entre o saxofonista e clarinetista e Adam Lane, e entre este e os instrumentistas escandinavos, foi providenciada pela sagaz proposta de Pedro Costa. Como não podia deixar de ser, pedi-lhes que me dessem a sua explicação para o formidável entrosamento conseguido. Lane falou-me do mágico momento em que “se deixa de pensar a música, para simplesmente a tocar”, condição para que se possa chegar “a um plano comunicacional transcendente, querendo este adjectivo significar que já não nos preocupamos com questões terrenas como o que se vai tocar a seguir ou se o solo que vamos fazer será suficientemente bom”. Vandermark, pelo seu lado, referiu-me o tipo de comunicabilidade que apenas a prática da improvisação permite, “quando todas as peças do *puzzle* estão finalmente montadas e se torna possível, tal como dizia Monk, ‘levitar sobre o palco’”. Mas isto é o que as palavras podem expressar, porque o essencial do fenómeno só é demonstrável pela própria música...

Agora que a fase de descoberta dos primeiros encontros passou e que a célula de trabalho 4 Corners encontrou a consolidação possível tendo em conta que os seus membros vivem em partes diferentes do mundo (Ken em Chicago, Adam em Nova Iorque, Magnus em Estocolmo e Paal em Oslo) e que todos têm agendas sobrecarregadas, os quatro músicos funcionam sobre o muito que já conhecem uns dos outros. É outro o contexto em que se encontram no terceiro ano de existência do quarteto: “A música é transportada para níveis mais elevados quando a tocam

peças que já têm uma ligação humana e musical”, argumenta Lane. “Todo o primeiro encontro bem sucedido motiva um segundo, e um terceiro. É natural, e até lógico, que se regresses a situações que possam proporcionar melhores e mais criativos resultados. Quanto mais profundo é o entendimento, mais profunda a comunicação”, acrescenta Vandermark.

O jazz é uma música *on the road*, de migrações constantes. Por isso mesmo, nenhuma outra terá um carácter tão transnacional, dadas as colaborações entre músicos das origens mais diversas que se providenciam nas quatro partes do mundo. Os 4 Corners são bem o produto desta realidade: têm berço português, um pé no Norte da América e o outro no Norte da Europa. Ainda assim, Adam Lane considera que “é impossível escapar à influência das origens territoriais”. A que sente na Big Apple é diferente da experimentada na Califórnia, onde até há pouco residiu, e afirmou-me mesmo que a mudança está a reflectir-se, mesmo que subtilmente, na sua música. E no entanto... “O certo é que os músicos criam música, e não lugares. Gosto de pensar que esta banda é de Nenhures. Porque não aspirarmos a ser de nenhum lado? Parece-me ser um sítio agradável para se estar...”

Este “nenhum lado” refere-se igualmente à estética musical perfilhada. Sendo uma das mais-valias deste projecto o modo como escrita e improvisação se interrelacionam, por ocasiões não se distinguindo bem quando termina uma e começa a outra, Ken Vandermark está interessado em forjar novos modelos para além daqueles que gerem as habituais permutações desses âmbitos

no jazz. Os 4 Corners são uma entre as várias plataformas de que dispõe para o conseguir. Adam Lane usa os equacionamentos tentados com o fito de “pegar numa linguagem e combiná-la com outra muito diferente, de maneira a criar uma metalinguagem única e nova”. Ouvindo a música, percebe-se o que quer dizer: as matrizes estão no *hard bop*, no *free jazz*, no rock e no funk, não raramente buscando também elementos à música erudita moderna e contemporânea. E é assim que, quando menos se espera, quando algo nos remete para o Ornette Coleman da primeira metade da década de 1960, o contrabaixista carrega no pedal de distorção e introduz na trama materiais que parecem provir directamente dos Black Sabbath. “Estamos a viver uma tal mistura de culturas que seria absurdo não o reflectir na nossa produção artística”, justificou-me.

É neste aspecto que se entende a inclusão dos 4 Corners numa série de concertos que tem a designação de ‘Isto é Jazz?’. O tema é assim encarado por Ken Vandermark: “Não considero que o jazz seja um género musical, e sim um método de construção. A integração nesta música de elementos não categorizáveis como jazz sempre fez parte da sua natureza e da sua história. Bons exemplos disso foram dados por Duke Ellington e Miles Davis. Qualquer músico de jazz tem de lidar com as músicas do seu tempo. Houve um Albert Ayler, um John Cage, um Jimi Hendrix, uns Public Enemy e um Derek Bailey. Pretender que as suas contribuições não afectaram a música significa que alguém se contenta com reproduzir a tradição ou que está a construir um objecto artístico não interactivo. Nenhuma dessas vias me parece

positiva. Um músico de jazz tem hoje necessariamente de ser diferente dos de há 50, 40, 30 ou 20 anos, sob o risco de aquilo que toca se tornar numa coisa morta. À medida que o jazz avançar no futuro, afastar-se-á mais e mais das suas raízes.”

Adam Lane é ainda mais peremptório: “O que me interessa mesmo é a música, não o jazz, o rock, o hip-hop, etc. Catalogar a música é espertilhar a criatividade. Obrigar a música a ser uma coisa é impedir que seja outras. E afinal, o que significam presentemente os termos ‘jazz’ e ‘música clássica’? Nada, na verdade. Porquê usar terminologia limitativa como esta? Porque não ouvir simplesmente um som como um som, e a música como uma conexão de sons? A minha colecção de discos inclui, por exemplo, Beethoven, John Coltrane, The Who, Milt Jackson, Rolling Stones, John Lee Hooker, Dead Kennedys, Air, Peter Dinklage, Bill Dixon com Alan Silva e Alvin Lucier. Não podia ser mais variada. Porque não aceder à mais alargada variedade de influências possível, e a partir daí desenvolver uma sensibilidade criativa pessoal e única?” Fica a pergunta, mas a resposta têm-na dado os 4 Corners musicalmente...

Rui Eduardo Paes  
crítico de música, ensaísta, editor  
da revista *jazz.pt*



---

## Ken Vandermark

clarinete, clarinete baixo,  
saxofone barítono

---

Ao longo dos últimos vinte anos, Ken Vandermark tem-se empenhado em explorar e desenvolver as potencialidades da música composta e improvisada na América do Norte e na Europa.

Desde que se mudou de Boston para Chicago em 1989, tem tocado e gravado numa variedade de situações com músicos de renome internacional. Entre estes grupos com que tocou no passado vale a pena referir: NRG Ensemble, DKV Trio, AALY, FME, Vandermark Quartet, Spaceways Inc., School Days, Cinghiale, Witches & Devils, Steam e Caffeine. Actualmente, a maior parte do seu trabalho como compositor e improvisador tem sido dirigido para o Vandermark 5, o Powerhouse Sound, o Frame Quartet, o Peter Brötzmann Chicago Tentet, Sonore, os duos independentes formados com os percussionistas Tim Daisy e Paal Nilssen-Love, a Territory Band, CINC, e Free Fall. Os seus próximos projectos incluem: iTI (com Johannes Bauer, Thomas Lehn, Paal Nilssen-Love), Lean

Left (com Terrie Ex, Andy Moor, Paal Nilssen-Love), uma colaboração com o grupo ZU, e o Resonance Ensemble (um grupo internacional formado por dez músicos oriundos da Polónia, Suécia, Ucrânia e EUA).

Para além de criar música, Ken fez contribuições muito significativas, que lhe grangearam grande apreço, para a cena da música de jazz / improvisada, tanto local como internacional, através da promoção de concertos em Chicago e do patrocínio a vários *ensembles* em digressões norte-americanas. Em 1996, em parceria com o escritor John Corbett, começou a organizar os concertos *Empty Bottle Wednesday Night Jazz Series* que deram a conhecer ao público, durante cerca de uma década, músicos de Chicago, da América do Norte e da Europa. A partir de Abril de 2006, Ken prosseguiu o seu trabalho como co-director, com Mitch Cocanig, da *Immediate Sound Series* na Hideout. Desde o Outono de 2005 que é também membro do Umbrella Music, um grupo de organizadores formado por músicos com sede em Chicago. O seu trabalho como apresentador levou a que fosse convidado para director criativo do ACME Festival, um acontecimento de quatro dias que teve lugar em Atenas, Georgia, em Abril de 2004, e que apresentou concertos e *workshops* envolvendo um total de 21 músicos oriundos da Alemanha, Noruega, Suécia e EUA.

Entre os prémios e distinções que lhe foram atribuídos contam-se: a eleição como um dos *Chicagoans of the Year in the Arts 1994* (*Chicago Tribune*, Janeiro, 1995) pelo Vandermark Quartet; a sua escolha como um dos *25 For The Future* – os mais importantes músicos de impro-

visação com menos de 40 anos de idade – pela *Down Beat Magazine*, Junho 1998; a nomeação como MacArthur Fellow em 1999; o epíteto de um dos *Musicians Of The Year* pelo *All About Jazz*, Nova Iorque em 2004.



---

## Magnus Broo

trompete

---

Nasceu em Huskvarna, Suécia, em 1965. O seu interesse pelo jazz desenvolveu-se ao longo da sua juventude passada em Västerrik, Suécia, em grande parte devido ao incentivo do seu professor Bob Henders (grande instrumentista do trombone e professor) que lhe deu gravações de Clifford Bown e de outros grandes nomes do jazz. Depois do liceu estudou como bolseiro na University of North Texas em Denton, nos arredores de Dallas, onde passou cinco anos, regressando a Estocolmo em 1990.

Magnus Broo gravou quatro álbuns com o seu nome. O seu último trabalho, de 2008, intitula-se *Painbody. Retrograde*, a sua última gravação com a Atomic, banda Norueguesa e Sueca na

qual também participa, é uma edição que compreende uma caixa de três CDs. Toca ainda com outras bandas, entre as quais, Fredrik Nordström Quintet, 4 Corners, IPA, Atomic-Schooldays, Boots Brown, Stockholm Jazz Orchestra e Angles, banda liderada pelo saxofonista alto Martin Küchen.



---

## Adam Lane

contrabaixo

---

Aglutinando influências que passam por Duke Ellington, Karlheinz Stockhausen e Melt Banana, o baixista e compositor Adam Lane transporta os termos “jazz” e “música de câmara” para além do seu sentido convencional. Como compositor foi reconhecido pela crítica internacional como “inovador” (*Signal to Noise*) e “pensador avançado” (*Jazziz*); como instrumentista contribuiu para novas e importantes gravações de artistas como John Tchicai e Tom Waits.

Lane tem um BA em música pela Wesleyan University, onde estudou com Anthony Braxton, e um MFA pela CalArts

sob a orientação de Wadada Leo Smith e Daniel Rothman. Em 1996 ganhou uma bolsa da Paternings para frequentar a Darmstadt School for New Music. Em Darmstadt frequentou as *master classes* de composição com Karlheinz Stockhausen, Klaus Huber, Mathias Spahlinger, e estudou contrabaixo com o virtuoso italiano Stefano Scodanibbio. Recebeu numerosos prémios e bolsas como compositor e instrumentista, entre os quais, o Prémio New Langton Arts Bay Area Creative Artist em 2002 e o Prémio Julius Hemphill Award por excelência em composição para grande *ensemble* em 2000.

Em Outubro de 1999, a sua gravação intitulada *Hollywood Wedding* foi editada pela Cadence Jazz Records tendo recebido o aplauso da crítica. O disco inclui 10 composições originais de Lane, tocadas sob a sua liderança por seis *ensembles* diferentes.

O álbum *No(w) Music*, gravado com a sua banda The Full Throttle Orchestra foi também editado pela Cadence Jazz. A Orchestra está activa há anos sempre como os mesmos músicos, o que a torna o único *ensemble* de música criativo, activo e consistente da Bay Area. A banda combina todas as características do estilo de composição multifacetado de Lane, incluindo uma estética criativa variável que parece ir 'beber' a Cecil Taylor e aos primórdios dos Black Sabbath, ao mesmo tempo que todos os seus membros são compositores no activo e líderes de bandas, cada um deles envolvido em projectos próprios em música criativa assim como em jazz de vanguarda.

Em Abril de 2000 apresentou-se numa nova gravação com o pioneiro

de *free jazz* John Tchicai. *John Tchicai's Infinitesimal Flash* foi editado pela Buzz Records e recebeu bom acolhimento da crítica. A colaboração de Lane com Tchicai continuou no CD do primeiro intitulado *Fo(u)r Being(s)* com a C.I.M.P. Este projecto inclui o baterista legendário Barry Altschul, o trompetista virtuoso Paul Smoker e apresenta seis composições da autoria de Lane. É um disco de *free jazz*, e a música nele incluída foi desenvolvida para maximizar a actividade de improvisação do colectivo.

Lane também compôs várias obras para orquestras de câmara. A peça da sua autoria intitulada *Mini Pig 2000* foi encomendada pela California Ear Unit e apresentada no LACMA em Janeiro de 2000. Lane escreveu duas outras obras para o California Ear Unit, que fizeram parte integrante da Arcosanti Young Composers Conference: *Elvis' Tomb is Empty* foi apresentada na Arcosanti em 1997 e *Fire up the Pig* em 1998.

Actualmente, Lane divide o seu tempo entre Nova Iorque e São Francisco. Em Nova Iorque actua regularmente em trio com Louie Bellogenis e Lou Grassi, e em quarteto com John Tchicai, Paul Smoker e Barry Altschue. Também fez parte do Quarteto do percussionista Andrew Drury juntamente com o guitarrista Brad Shepik e o saxofonista Bigger Krauss.

Adaptado site [www.adamlane.org](http://www.adamlane.org).

---

## Paal Nilssen-Love

### bateria

---

Nasceu em Molde, Noruega, no dia 24 de Dezembro de 1974, e cresceu num clube de jazz gerido pelos seus pais em

© Ziga Koritnik



Stavanger. A escolha da bateria do seu pai como instrumento, e do jazz como trabalho, terá sido uma consequência natural desta atmosfera familiar. A partir de 1990, desenvolveu actividades no meio do jazz em Stavanger e associou-se a bandas com músicos celebrados, como o trompetista Didrik Ingvaldsen e o saxofonista Frode Gjerstad. Estas colaborações revelaram-se essenciais de várias maneiras e serviram como fontes de orientação ao desenvolvimento e à carreira de Paal. A sua vida progrediu muito depressa durante os seus estudos no Departamento de Jazz da Universidade de Trondheim e Paal obteve reconhecimento a nível nacional aos vinte anos de idade.

A formação do quarteto Element em 1993 representou o início de uma nova fase na vida musical de Paal. Musicalmente, contando com o baixista Flaten e o pianista Wiik, Element tornou-se uma plataforma para muitos outros grupos, e esteve na origem de colaborações com Iain Ballamy e Chris

Potter, entre outros. Paal mudou-se para Oslo em 1996, onde se associou e / ou participou na formação de grupos como Vindaloo, SAN, Håkon Kornstad Trio, The Quintet e Frode Gjerstad Trio. Mais tarde Paal iniciou projectos próprios e colaborações com músicos suecos, como o pianista Sten Sandell e o saxofonista Mats Gustafsson. Estar envolvido com várias bandas ao mesmo tempo foi sempre uma opção de trabalho de Paal.

Paal deu o seu primeiro concerto a solo em 1999; desde essa altura que o conceito de 'solo' passou a ser uma parte importante do seu trabalho. O seu álbum a solo *Sticks and stones* saiu em 2001 na SOFA Rec.

Todas estas bandas, de estilos variados e versatilidade musical, representam peças importantes de um todo, e todas elas foram formadas, ou a todas se associou, com um propósito claro. Hoje em dia, o *portfolio* de Paal inclui: Atomic, School Days, The Thing, Frode Gjerstad Trio, Sten Sandell Trio, Scorch Trio, Territory Band, FME, e vários projectos em duo tais como os *reedmen* (palhetistas) Ken Vandermark, John Butcher e Mats Gustafsson, o organista Nils Henrik Asheim e o mago do *noise* Lasse Marhaug. Sem esquecer o recém chegado Peter Brötzmann Chicago Tentet.

Antes de fazer 30 anos, Paal afirmou-se como um dos bateristas mais notados da Europa de hoje, fez inúmeras apresentações em festivais e clubes na Europa e nos EUA, e participou em mais de 50 gravações. Organiza ainda All Ears, o seu festival anual para música improvisada, e parte muito importante da sua vida musical, e tem um projecto para criar a sua própria etiqueta para produções em vinil.

# That Night Follows Day

Que depois do dia vem a noite

De Tim Etchells e Victoria



**Teatro** Qui 26, Sex 27, Sáb 29 Novembro  
Grande Auditório (lotação reduzida)  
21h30 · Duração: 1h10 · M12

*Vocês alimentam-nos. Dão-nos banho. Vestem-nos. Cantam para nós. Observam-nos quando estamos a dormir. Fazem-nos promessas de que acham que não nos vamos lembrar. Contam-nos histórias com final feliz e histórias sem final feliz e histórias com um final que nem sequer chega a ser um final. Explicam-nos o que é o amor. Explicam-nos as diferentes causas da doença e as diferentes causas da guerra. Sussurram quando acham que não devemos ouvir. Vocês explicam-nos que depois do dia vem a noite.*

Em resposta ao pedido do Victoria para fazer um espectáculo com crianças, Tim Etchells (escritor e director artístico da famosa companhia britânica Forced Entertainment) criou *That Night Follows Day*, uma peça com dezasseis crianças

com idades entre os 8 e os 14. É a primeira vez que Etchells trabalha com este tipo de elenco.

Esta é a segunda produção com crianças (embora para público adulto) do Victoria, depois de *ÜBUNG* de Josse de Pauw de 2001 (que passou pela Culturgest em 2004).

*That Night Follows Day* baseia-se num texto escrito pelo próprio Etchells e cataloga as várias maneiras segundo as quais o mundo das crianças é determinado pelo dos adultos. Com enorme clareza e humor, investiga os sistemas de paternidade, educação, disciplina, cuidados e bem-estar que definem os mundos das crianças e dos adolescentes.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Ana Feteira Monteiro

estagiária

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Maria Ana Freitas

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direcção Técnica

Eugénio Sena

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---